
MEMÓRIA E RETÓRICA DO TESTEMUNHO EM ROBERTO BOLAÑO: O CASO ESTRELA DISTANTE

Talita Jordina Rodrigues¹

Resumo: A “guinada subjetiva” relativa à memória pode ser identificada na literatura das últimas décadas, sobretudo naquela que se dedicou a retratar acontecimentos históricos violentos como as ditaduras da América Latina. Roberto Bolaño empreendeu esse projeto e retratou a ditadura de seu país em algumas obras sob a perspectiva da memória. Este trabalho pretende analisar o romance *Estrella distante*, de Roberto Bolaño, sob a perspectiva da memória e da retórica testemunhal discutidas por Beatriz Sarlo. Para tanto, observaremos os seguintes pontos: a qualidade romântico-realista do relato; o anacronismo da memória e do relato; e as questões práticas ligadas ao testemunho.

Palavras-chave: Testemunho. Memória. Literatura. Roberto Bolaño. Beatriz Sarlo.

Resumen: La "guinada subjetiva" sobre la memoria puede ser identificada en la literatura de las últimas décadas, sobre todo en la que se dedicó a retratar acontecimientos históricos violentos como las dictaduras de América Latina. Roberto Bolaño emprendió ese proyecto y retrató la dictadura de su país bajo la perspectiva de la memoria. Este trabajo pretende analizar la novela *Estrella distante*, de Roberto Bolaño, bajo la perspectiva de la memoria y de la retórica testimonial discutidas por Beatriz Sarlo. Para ello, observaremos los siguientes puntos: la calidad romántica-realista del relato; el anacronismo de la memoria y del relato; y las cuestiones prácticas vinculadas al testimonio.

Palabras clave: Testimonio. Memoria. Literatura. Roberto Bolaño. Beatriz Sarlo.

Em um ensaio sobre as representações literárias da América, Antonio Candido elabora uma categórica definição do que seria a literatura. Segundo ele, “A literatura corresponde à necessidade universal de dar forma à fantasia, inclusive (talvez sobretudo) a fim de compreender melhor a realidade. A sua natureza reside neste paradoxo [...]” (CANDIDO, 1995, p. 15). É nessa esteira paradoxal entre o inventado e o ocorrido, entre a fantasia e o real, que se pode encontrar, um pouco mais amiúde, outros elementos dialéticos do campo literário, tais como: ficção e testemunho, representação e passado, ou até mesmo, para entrarmos diretamente no assunto que nos

¹ Possui graduação em Letras - Português pela Universidade Federal de Santa Catarina (2015) e graduação em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade do Vale do Itajaí (2011). Atualmente cursa Licenciatura em Filosofia, é mestranda do Programa de Pós Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina e bolsista CNPq. talitarodrigues.jlle@gmail.com

interessa aqui, personagens e acontecimentos históricos. Identifica-se, dessa maneira, uma literatura do testemunho ligada a um acontecimento violento, contendo eventos e/ou personagens fictícios encaixados num cenário da História cuja centralidade está no terrorismo de estado.

Naturalmente, o Holocausto foi o grande acontecimento do século XX que contribuiu para a valorização da literatura de testemunho. A isso Beatriz Sarlo relaciona o que ela própria nomeia como “cultura de la memoria y giro subjetivo”, conceitos que compreendem a ideia de valorização do testemunho de sujeitos que vivenciaram experiências traumáticas ligadas a esse tipo de evento histórico. Assim como ocorreu com o Holocausto na segunda metade do século passado, muitas obras do final do mesmo século passaram a trazer o tema das ditaduras na América Latina como forma de recuperar e prestar contas com o passado recente. O chileno Roberto Bolaño faz parte desse grupo de autores que trouxeram à tona essa temática. No caso de Bolaño, isto se apresenta precisamente em alguns contos da coletânea *Llamadas telefónicas* e nos romances *Literatura nazi en America*, *Nocturno de Chile* e *Estrella Distante*. É dessa obra última que extrairemos a matéria de nossa análise sobre a retórica do testemunho e a memória, tomando como referência o texto *Tiempo Pasado*, de Beatriz Sarlo.

Em seu capítulo dedicado à retórica testemunhal, Sarlo começa por enumerar fatos ligados ao Holocausto que alavancaram a memória a um estatuto digno de mecanismo reconstrutor do passado ou até mesmo de construtor da narrativa historiográfica. Entre esses apontamentos, aparece a grande difusão dos escritos de Primo Levi, um dos primeiros sobreviventes de Auschwitz a relatar a vida no Campo; e o impacto do filme *Shoah*, produzido a partir de dezenas de depoimentos de vítimas do Holocausto. Esses, assim como inúmeros outros eventos ou produtos artísticos, impulsionaram a valorização da memória na Europa em meados dos anos de 1980, mas também inspiraram comunidades da América Latina a buscarem o mesmo caminho de reflexão e ao mesmo tempo de reparação em relação às próprias catástrofes sociais. A partir daí, segundo Sarlo (2012), a memória em países latino-americanos recém saídos de ditaduras violentas tornou-se um dever e uma necessidade jurídica, moral e política.

As narrativas decorrentes desse momento são, naturalmente, tão singulares quanto as experiências múltiplas dos sujeitos. Há, entretanto, alguns elementos capazes de conectá-las. Esses elementos se apresentam no argumento de Sarlo (2012) como sendo comuns às narrativas de testemunho, sejam eles pertencentes à categoria “ficção”

ou pertencentes à categoria “não-ficção”, fato que, aliás, não nos interessa, por ora, distinguir e que nem mesmo a pesquisadora se interessa em fazer. No romance *Estrella Distante*, de Roberto Bolaño, por exemplo, é possível encontrar o que Sarlo (2012) chama de modelo realista-romântico, que aqui será o primeiro elemento do discurso testemunhal observado. Tal elemento abarca características provenientes tanto do Romantismo quanto do Realismo.

Tratemos do Romantismo, primeiramente. Ele pode ser identificado no interior do discurso sob a forma de subjetividade, assim como seu foco narrativo (a primeira pessoa) e também a característica da juventude dos personagens. Sarlo (2012, p. 21) lembra, ainda na parte introdutória de seu texto, que “[...] desde mediados del siglo XIX, la literatura experimentó como primera persona del relato y discurso indirecto libre: modos de subjetivación de lo narrado.” Na sequência de seu texto, depois de discorrer sobre as características do discurso testemunhal, a autora identifica justamente essa marca da primeira pessoa e, conseqüentemente, da subjetividade como sendo as características românticas passíveis de serem encontradas no testemunho. Essas características estão presentes na obra de Bolaño que escolhe um narrador participante e ativo para os fatos narrados, ou melhor, para os fatos rememorados. Mas a influência romântica não para apenas nessa escolha do narrador que participa, mas também na construção desse personagem que também, como testemunha, sente. O narrador-personagem sente esses mesmos fatos narrados, o que é próprio da ânsia por uma representação subjetivamente romântica.

É também neste narrador que encontramos outra característica proveniente do Romantismo: a juventude e seu ímpeto. Sobre isso, Sarlo assinala que a escolha, comum entre os autores dos relatos de memória ligados às ditaduras, não é aleatória ou apenas inspirada na estética romântica. Isso se justifica, em primeiro lugar, pela intenção de personificar e valorizar a juventude como agente dos fatos históricos mais revolucionários, ou como sujeitos que têm maior capacidade e ímpeto de lutar ante as injustiças sociais. Em segundo lugar, essa eleição do jovem como representante também se liga ao dado real de que a maioria das vítimas dos regimes latino-americanos tinham menos de 25 anos, como afirma Sarlo ao lembrar da ditadura de seu próprio país, a Argentina. Além disso e ainda na Argentina, assim como em outros países, muitos movimentos que pediram justiça pela brutalidade dos regimes ditatoriais foram

liderados por mães, pais, avôs e avós “órfãos” de filhos e netos vítimas desses mesmos regimes.

No caso do romance de Bolaño, tanto seu personagem principal, o narrador, quanto seus colegas de curso de escrita são jovens que têm cerca de 20 anos quando a história começa a ser contada, e também quando os militares dão o golpe de Estado no Chile, cenário principal da rememoração. Ademais, quase todos estes personagens se encaixam no signo comum do “desinterés, ímpetu, idealismo” elencados por Sarlo como próprios dessa juventude revolucionária que acabou como vítima na história latino-americana sangrenta do século XX. Bolaño descreve essas características a partir das ligações políticas desses personagens, e seu narrador conta: “la mayoría éramos miembros o simpatizantes del MIR o de partidos trokistas, aunque alguno, creo, militaba en las Juventudes Socialistas o en el Partido Comunista o en uno de los partidos de izquierda católica” (BOLAÑO, 1996, p. 16)

Ao lado desses elementos românticos, encontramos da mesma maneira os elementos realistas presentes na obra *Estrella Distante*. Estes elementos buscam a objetividade como meio complementar de legitimação do testemunho. Se por um lado a primeira pessoa e a personificação de personagens jovens dão ao relato a subjetividade necessária para aproximar o interlocutor do que seria o real histórico, por outro lado é a precisão objetiva dos detalhes, elemento extraído da estética realista, que busca encerrar essa legitimação. Dessa forma, o romance procura, logo após apresentar elementos subjetivos, demonstrar aqueles elementos objetivos tipicamente realistas, como a feiticização e a hipervalorização do detalhe, destacados por Sarlo (2012). Em geral, esses detalhes têm maior valor em narrativas teleológicas e engendram, dentro do próprio relato, caminhos lógicos em direção ao desfecho.

Entre detalle individual y relato teleológico hay una relación obvia aunque no siempre visible. Si la historia tiene un sentido establecido de antemano, los detalles se acomodan a esa dirección incluso cuando los propios protagonistas se demoren en percibirla. Los rasgos, peculiaridades, defectos menores y manías de los personajes del testimonio terminan organizándose en algún tipo de necesidad inscripta más allá de ellos. (SARLO, 2012, p. 74)

É natural que o caráter teleológico seja o guia da apresentação de detalhes dentro de uma obra de ficção, quando em geral o autor domina toda a história, desde o princípio até o seu desfecho e inclusive quando, na maioria dos casos, a história de fato

tem um começo, um meio e um fim. Isso se percebe de maneira clara na obra de Bolaño que tem um narrador que fala do futuro, ou seja, está situado em um momento em que o desfecho já se desenhou. Ele, porém, não revela logo esse desfecho, mas vai aos poucos dando sinais que apontam na direção teleológica do desfecho. Ao longo da narrativa de *Estrella Distante*, são muitos os momentos em que a narração geral dos fatos é suspensa para que se observe elementos que são aparentemente menores, ou por vezes aparentemente insignificantes para a trama, mas que muito provavelmente farão sentido à medida que a história avança.

Esse mecanismo de minúcias adotado na narrativa de Bolaño tem a ver com o caráter realista do discurso testemunhal apontado por Sarlo. Entretanto, no caso de Bolaño, isto também está relacionado à inspiração dos romances policiais e das tramas detetivescas que são encontradas de maneira recorrente em sua obra. Há de se compreender, contudo, que da mesma forma que um detetive busca pistas a respeito de um crime particular dentro de um conto policial, o narrador de *Estrella Distante* está atrás de provas de um passado traumático, ligado também, de certa forma, a um crime e ainda mal compreendido por ele e por seus colegas vítimas dele. Há, naturalmente, diferenças no detalhamento policiaisco e no relato minucioso da rememoração, mas ambos seguem o mesmo caminho, qual seja em direção à revelação, à explicação final ou até mesmo rumo à reparação e à justiça.

Como a chave para compreensão do passado está traduzida pela figura do personagem Alberto Ruiz-Tagle, no caso de *Estrella Distante*, são trazidos à tona na narrativa justamente os detalhes que circundam este personagem. Esse detalhamento é ainda ampliado pelo fato de que o narrador e seus amigos conviveram durante pouco tempo com ele. Dessa maneira, cada lembrança mínima do passado à respeito dessa figura, que acaba se revelando um criminoso no decorrer da narrativa, serve como peça para revelar a imagem de um quebra-cabeças que se propõe montar no presente. Em determinado momento da histórica evoca-se, por exemplo, o lugar em que o personagem morava. E o narrador diz que era um apartamento com “cuatro habitaciones con las cortinas permanentemente bajadas” e onde podia-se ter “la impresión de que la casa estaba *preparada*”.

Como num tecido estampado que tem seus fios coloridos entrelaçados, a narrativa testemunhal de *Estrella Distante* vai entrecruzando o que Sarlo aponta como característica romântico-realistas, ora registrando impressões subjetivas do sujeito que

narra, ora buscando a objetividade de sua descrição. Quer dizer, como no exemplo já citado, há o momento em que o personagem fala das cortinas constantemente fechadas do apartamento de Alberto Ruiz-Tagle, lembrando um detalhe objetivo que sugere, posteriormente, os acontecimentos violentos que podem ter ocorrido naquele lugar.

Também há o momento em que o personagem dirá, sobre esse mesmo lugar, que ele parecia estar “preparado”, tornando subjetivo o detalhe apontado, porém sugestionando o mesmo que o detalhe anterior também apontava: a possibilidade de Alberto Ruiz-Tagle ter cometido crimes já naquela época em que residia próximo ao narrador e aos outros estudantes. Da mesma maneira, vão sendo pinçadas informações sobre o personagem que ora parecem indicar uma prova de sua personalidade criminosa, ora aparecem de maneira aleatória, como quando o personagem conta que Alberto Ruiz-Tagle “no le gustaba el cine de Bergman”, embora até mesmo esse tipo de informação seja passível de alguma interpretação, mesmo que essa questão não seja retomada em outro ponto da narrativa.

O fato é que nem toda informação detalhada é capaz de ligar-se a algum acontecimento revelador do futuro da história ou no decorrer da narrativa. Para Sarlo (2012), este caráter da valorização do detalhe, agregado a outros elementos que circundam o modelo realista-romântico postulado por ela, tem justamente a função de chancelar veracidade ao relato. Sarlo assinala: “En un testimonio los detalles no deben nunca parecer falsos, porque el efecto de verdad depende de ellos, incluso de su amontonamiento y repetición.” (2012, p. 70). Assim, o personagem de Bolaño é testemunha de um fato histórico e utiliza os mecanismos próprios do discurso testemunhal para narrá-lo da maneira mais verossímil possível, convencendo seu interlocutor de que presenciou fugindo daquilo que poria em dúvida a veracidade de seu relato.

Outro dado relevante sobre a obra de Bolaño e sua relação com o discurso testemunhal é o anacronismo. O enredo de *Estrella Distante* visto a partir de sua organização temporal é completamente anacrônico, ou seja, não possui uma ordem narrativa linear do tempo. Esse mecanismo é tão latente na obra de Roberto Bolaño que pode até mesmo ser percebido como parte do enredo, estabelecendo-se como uma das peças-chave para a produção de sentido da história. Em primeiro lugar, o texto não assume a forma de diário em que o narrador vai narrando a medida que os fatos vão acontecendo. Ao contrário, o narrador está no futuro quando começa a contar o que

aconteceu no passado, dando seu testemunho. Isso quer dizer, naturalmente, que cada fato narrado sobre o passado adota o olhar de quem já sabe o desfecho desse mesmo fato, porque fala do futuro, como no momento em que o narrador releva essa sua sabedoria em relação aos anos seguintes ao fato narrado: “Por supuesto, nunca más volvimos a pisar un taller de literatura” (BOLAÑO, 1996, p. 52)

Em um segundo momento, ainda sobre o anacronismo no romance de Bolaño, é importante observar que esse mecanismo não se dá apenas no sentido do futuro – ou presente – em direção ao passado. O que ocorre, na verdade, é um constante “vai e vem” na linha temporal que está sendo construída pelo relato. Assim, o personagem conta, por exemplo, um fato sobre o passado e em seguida a atualização desse fato num passado mais recente, como no trecho:

En la carta donde me explicó estas cosas (carta escrita muchos años después) Bibiano decía que se había sentido como Mia Farrow en El bebé de Rosemary, cuando va por primera vez, con John Cassavettes, a la casa de sus vecinos. Faltaba algo. En la casa de la película de Polanski lo que faltaba eran los cuadros, descolgados prudentemente para no espantar a Mia y a Cassavettes. En la casa de Ruiz-Tagle lo que faltaba era algo innombrable (o que Bibiano, años después y ya al tanto de la historia o de buena parte de la historia, consideró innombrable, pero presente, tangible), como si el anfitrión hubiera amputado trozos de su vivienda. (BOLAÑO, 1996, p. 17, grifos do autor).

É claro que Bolaño, apesar de fazer suas incursões fortuitas na linha temporal da narrativa, adota uma estrutura temporal lógica que de um modo mais amplo se desenha na forma de contar sua história. Do ponto de vista temporal, pode-se dizer, então que *Estrella Distante* organiza-se nos seguintes blocos: antes do golpe militar, depois do golpe militar, depois do desaparecimento de Carlos Wieder e durante a caçada a ele. Este último bloco é aquele em que a narrativa enfim se aproxima do tempo presente do narrador e essa mudança é perceptível inclusive pelo tempo verbal, como no trecho com os verbos no presente do indicativo: “En entonces cuando aparece en escena Abel Romero y cuando vuelvo a aparecer en escena yo.”

Enfim, assim como para a trama de Bolaño, a característica do anacronismo é um elemento do discurso testemunhal que recebe especial importância dentro da discussão de Sarlo (2012). Ela reforça que as relações temporais, passado-presente-futuro, devem necessariamente ser observadas e compreendidas dentro do relato, do testemunho e da memória. Tal qual o romance de Bolaño nos mostra com seus

mecanismos de transição do tempo, esse passeio irregular pelo tempo humano é imprescindível quando se fala do discurso testemunhal e a ele devemos observar muito atentamente. Sarlo (2012, p. 80) enfatiza: “[...] hay que recordar la cualidad anacrónica *porque* es imposible eliminarla.”

Aqui cabe distinguir os exercícios de memória e de testemunho. O primeiro pertence à natureza humana e não se pode compreendê-lo como um ato de vontade ou de inteligência, mas sim como “una captura del presente” (SARLO, 2012, p. 9). Por outro lado, sim, o testemunho é uma ação voluntária que não apenas usa das cenas pinçadas do passado no tempo presente, como também as complementa, reorganiza e, conseqüentemente, emprega novos sentidos a elas. A memória é fragmentária, deficitária e lacunar uma vez que lembrar-se de determinadas coisas implica necessariamente esquecer-se de outras. Assim é o discurso testemunhal: um quebra-cabeças onde estão peças antigas que por si só não conseguem formar uma imagem completa e que por isso aliam-se a novas peças produzidas no presente com o intuito de dar sentido à imagem.

É precisamente nesse momento que percebemos as ligações entre a pesquisadora argentina Beatriz Sarlo e o filósofo alemão Walter Benjamin, sobretudo quando a questão é enfatizar a relevância do presente ao tratar de questões relativas ao passado. Quer dizer, tanto para Sarlo quanto para Benjamin, não existe memória sem que haja uma relação indissociável entre passado e presente. O sujeito que rememora está no presente e este, inevitavelmente, incide sobre a rememoração e a transforma. É justamente por isso que Sarlo afirma que é impossível eliminar a qualidade anacrônica da memória e do testemunho.

Esta discordancia de los tiempos es inevitable en las narraciones testimoniales. También la disciplina histórica está perseguida por el anacronismo y uno de sus problemas es precisamente reconocerlo y trazar sus límites. Todo discurrir sobre el pasado tiene una dimensión anacrónica; cuando Benjamin se inclina por una historia que libere el pasado de su reificación, redimiéndolo en un acto presente se haría cargo de una deuda de sufrimiento con el pasado, es decir, en el momento en que la historia se plantea construir un pasaje del pasado diferente del que recorre, con espanto, el ángel de Klee, está indicando que el presente no sólo opera sobre la construcción del pasado sino que es su deber hacerlo. (SARLO, 2012, p. 78).

Sarlo e Benjamin estão juntos, então, quando o assunto é o papel do presente sobre questões do passado. Essa importância pode ser percebida de algumas maneiras e

por alguns motivos diversos. Se tomarmos o pensamento de Sarlo, o presente é importante principalmente porque acaba ditando o caráter do relato, acaba direcionando seu tom. Para citar um exemplo mencionado pela própria pesquisadora, não havia dentro dos movimentos revolucionários das décadas de 1960 e 1970 a ideia de direitos humanos, sendo quase impossível não projetar esse mesmo conceito tão difundido atualmente ao refletir sobre as ações daqueles que lutaram tanto por esses direitos no passado. Quer dizer, embora vejamos tais ações do passado como ações em defesa dos direitos humanos, temos que nos esforçar para imaginar como pensavam aqueles sujeitos sem terem necessariamente esse conceito atrelado a suas ações.

Num outro exercício de percepção das marcas que o presente deixa na narrativa, poderíamos imaginar como seria a obra clássica de Primo Levi, “É isso um homem?”, também citada de maneira recorrente por Sarlo como exemplo de discurso testemunhal, se ele não a tivesse escrito imediatamente após sua saída de Auschwitz. Quer dizer, se Levi tivesse esperado mais alguns anos, ou até décadas, para escrever seu primeiro relato sobre a experiência do Holocausto, certamente sua história seria contada de maneira diferente. Primeiro, obviamente, porque ele já teria, num momento posterior, apreendido uma quantidade muito maior de informações sobre o acontecimento histórico do qual ele participou, como aconteceu, aliás, com todo o resto do mundo. Segundo, porque da mesma maneira, ele teria esquecido de alguns detalhes. Ademais, esse relato poderia ser diferente também por conta das infinitas possibilidades de transformação inerentes a qualquer sujeito. Ou seja, Primo Levi poderia mudar sua forma de pensar sobre política, sociedade ou religião e isso incidiria, naturalmente, sobre seu olhar para o passado e também sobre seu relato testemunhal. É claro que haveria, de qualquer forma, uma mesma essência da experiência retratada por, mas essa mesma experiência poderia ser apresentada sob diferentes óticas, a depender do momento presente do relato.

Da mesma maneira, o personagem de Bolaño contaria uma história diferente se o tempo e alguns acontecimentos posteriores ao golpe militar tivessem sido diferentes. É claro que não nos cabe conjecturar essas mudanças na narrativa específica da qual parte nossa análise, mas o que vale é admitir que oscilações dessa natureza são inevitáveis. Vale também lembrar que isso ocorre porque o testemunho, assim como a memória e a própria natureza humana, são subjetivas. Dessa maneira, buscar a “verdade absoluta” no testemunho é, obviamente, um utopia embora a própria historiografia é capaz de criar

mecanismos para minar essas falhas da memória e do testemunho, conseguindo o resultado mais eficaz no processo de reconstrução do passado, além de contribuir, naturalmente, também para o processo de reparação.

Com isso, chegamos ao que poderíamos chamar de segunda justificativa para o presente ser tratado de maneira tão preciosa dentro dos estudos relativos ao passado. A reparação que mencionamos é, por exemplo, uma implicação prática da incidência do presente sobre o passado e é justamente esse aspecto que torna o presente tão importante aos olhos de Walter Benjamin. Para ele, a forma como o presente incide sobre o testemunho do passado também está relacionada necessariamente com as implicações práticas tanto no presente quanto de um futuro. Quer dizer, o pensamento de Benjamin vai além do exercício de perceber que o olhar do presente é capaz de transformar o relato sobre o passado. Ele acredita que a ótica do presente é capaz de transformar o próprio passado. E transformando o passado, transforma também o presente e abre caminho para a transformação de um futuro.

É aí que entram alguns dos conceitos principais de Benjamin contidos em suas teses “Sobre o conceito de história”. Para Michael Löwy, que interpreta essas teses, Benjamin congrega conceitos provenientes de três vertentes: o marxismo, o Romantismo alemão e o messianismo judaico. Este último foi incluído em sua teoria com a ressalva de que o tema teológico deve, segundo interpreta Löwy, sempre ser usado sem alardes, e por vezes até mesmo escondido por se tratar de um tema com a feia fisionomia, imagem que inclusive Benjamin pinta em sua primeira tese. Independente do tema teológico ser ou não apropriado para a argumentação teórica no campo da ciência, no interior da teoria de Benjamin esse tema desempenha um papel fundamental. É, inclusive, a partir do conceito teológico que extraímos a questão pragmática da “redenção”, que aqui nos interessa analisar. Sobre essa relação entre teologia e redenção na tese benjaminiana, Löwy explica: “O que significa ‘teologia’ para Benjamin? [...] o termo remete a dois conceitos fundamentais: a rememoração (*Eingedenken*) e a redenção messiânica (*Erlösung*).” (2005, p. 44)

É precisamente na redenção postulada por Benjamin que reside a finalidade prática apontada por Sarlo como a característica que aqui tratamos como a derradeira do discurso testemunhal. Quer dizer, tanto Benjamin quanto Sarlo defendem a questão pragmática da rememoração. Com isso, pode-se inferir também que ambos mantêm vistas ao materialismo histórico argumentarem em favor da rememoração e de seus

efeitos e implicações urgentes na sociedade. Tanto Benjamin quanto Sarlo caminham no sentido da possibilidade de reparação e mudança engendrada pelo discurso testemunhal ou pela rememoração.

Para Sarlo, os testemunhos relativos às ditaduras latino-americanas, por exemplo, servem para que se promova, enfim, a justiça aos que foram vítimas ou a seus familiares, para que os culpados enfim sejam julgados e punidos pelos crimes cometidos e violações aos direitos humanos. Mas, além disso e sobretudo, esses testemunhos devem servir, segundo Sarlo (2012), para que se evite uma possível repetição do acontecimento no decorrer da história.

La memoria ha sido el deber de la Argentina posterior a la dictadura militar y lo es en la mayoría de los países de América Latina. El testimonio hizo posible la condena del terrorismo de estado; la idea del “nunca más” se sostiene en que sabemos a qué nos referimos cuando deseamos que es no se repita. Como instrumento jurídico y como modo de reconstrucción del pasado, allí donde otras fuentes fueron una pieza central de la transición democrática, sostenidos a veces por el estado y de forma permanente por organizaciones de la sociedad. Ninguna condena hubiera sido posible si esos actos de memoria, manifestados en los relatos de testigos y víctimas, no hubieron existido. (SARLO, 2012, p. 24).

Não há em Benjamin o conhecimento a respeito do Holocausto, nem em relação às ditaduras latino-americanas, já que ele cometeu suicídio antes desses fatos acontecerem ou virem à tona. Ele, porém, parece antever a necessidade que logo surgiria, na história do pensamento humano, em valorizar o passado a partir do relato, a partir do testemunho, e principalmente a partir da voz das vítimas. Löwy explica que, para Benjamin, “não haverá redenção para a geração presente se ela fizer pouco caso da reivindicação (*Anspruch*) das vítimas da história.” (2005, p. 52) A essa ideia de se atentar para as reivindicações do passado que ressoam no presente, soma-se também o argumento benjaminiano de que é preciso buscar essas vozes que foram silenciadas, fazendo o exercício de “escovar a história a contrapelo”.

Esse finalidade prática também pode ser identificada no interior da narrativa de Roberto Bolaño. Não há dúvidas de que há uma ânsia pela prestação de contas em relação aos crimes cometidos pela ditadura militar chilena. Também não há dúvidas de que Bolaño, não apenas nesse romance como em vários outros textos de sua autoria, procura escovar a história a contrapelo. Há, entretanto, a necessidade de se questionar a maneira como que ele faz esse exercício. Quer dizer, Benjamin está o tempo todo

falando dos oprimidos, dos vencidos, dos sujeitos que não tiveram voz, dos sujeitos que foram pisoteados pela história e encontram-se soterrados nas ruínas dessa história monumental. Bolaño também revela a biografia de um esquecido do passado, à diferença que essa “estrela distante” que é Carlos Wieder não foi um oprimido, e sim um opressor.

A escolha de Bolaño em recordar eventos ligados ao regime militar observando o “vilão” e não o “mocinho”, se é que podemos usar esse tipo de simplificação para reforçar o peso dessa escolha, é no mínimo curiosa. É claro que é, na verdade, a voz do narrador oprimido que está sendo ouvida, mas em todo caso se faz um exercício de reconstrução de um passado que não é só dele, mas que é especialmente de outro sujeito, o opressor. A partir desse dado, vale questionar até que ponto a obra de Bolaño cumpre a função pragmática que é, segundo Sarlo (2012), inerente ao discurso. Ou se fôssemos um pouco mais adiante, vale questionar até que ponto essa função pragmática do discurso testemunhal em *Estrella Distante* cumpre o papel pragmático maior apontado por Sarlo e Benjamin que seria a redenção e a reparação. Até que ponto o exercício de se escovar a história a contrapelo pode ser levado ao limite de buscar absolutamente todos que foram esquecidos, incluindo, inclusive os opressores também esquecidos? Porque é precisamente isso o que, segundo o narrador de *Estrella Distante*, acontece com o opressor protagonista da história: “Chile lo olvida.” (BOLAÑO, 1996, p. 120)

A justificativa possível para essa questão é a de que só o ato de escolher narrar por meio do desvio já é, de certa forma, uma escolha benjaminiana. A escolha de personagens e enfoques dentro da obra de Bolaño pode ser entendida como um desvio porque esta escolha não acompanha o caminho tradicional dos relatos de sua geração. Estes, como bem Sarlo aponta, pertencem a um momento de “giro subjetivo” em que há sobretudo a preocupação em fazer ecoar as vozes das vítimas do passado. Isso não quer dizer, obviamente, que Bolaño não se preocupe com essas vozes das vítimas, ao contrário, para ele ouvi-las parece ser o objetivo final. Ainda que não seja esse o meio, ao final de seu relato, sabemos que esse é precisamente seu fim.

É possível pensar, portanto, como forma de conciliação entre Bolaño e Benjamin, que o que distancia os autores é apenas o caminho percorrido entre a pretensa redenção e seu alcance revolucionário. De maneira paradoxal, porém, é precisamente nessa escolha de caminho que também pode se identificar o elemento revolucionário na

obra de Bolaño. Quando nos voltamos à questão do discurso testemunhal e da memória em *Estrella Distante* vemos, num primeiro momento, o retrato de um opressor. Só que ao invés de garantir sua redenção, como se faz com suas vítimas, ela é negada. Numa alegoria a esse ensaio teórico, podemos dizer que enquanto Benjamin se preocupa em fazer levar a justiça aos injustiçados, Bolaño prefere se encarregar de punir os criminosos.

Referências

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: LÖWY, Michael. **Walter Benjamin: alarme de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”**. São Paulo: Boitempo, 2005

BOLAÑO, Roberto. **Estrella distante**. Barcelona: Editorial Anagrama, 1996.

_____. **Noturno do Chile**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. **Chamadas telefônicas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. **Literatura nazi en America**. España: Penguin Random House Grupo Editorial, 2017.

CANDIDO, Antonio. *Literatura, espelho da América?* Madison, WI: Luso- Brazilian Review, v. 32, no. 2, (1995), pp. 15-22.

LEVI, Primo. **É isto um homem?** Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

LÖWY, Michael. **Walter Benjamin: alarme de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”**. São Paulo: Boitempo, 2005

SARLO, Beatriz. **Tiempo Pasado: cultura de la memoria y giro subjetivo una discusión**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno editores, 2012.